

Nas tardes de fazenda há muito azul demais. Eu saio às vezes, siqo pelo pasto, agora mastigando um capim, o peito nu de fora no pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais para ir beber na fonte a água fria e sonora e se encontro no mato o rubro de uma amora vou cuspidinho-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme e quando por acaso uma mijada ferve

seguida de um olhar não sem malícia e verve nós todos, animais, sem comção nenhuma mijamos em comum numa festa de espuma.

Soneto de intimidade

Campo Belo, 1937

Vinícios de Moraes: Livro de Sonetos, 2013, 8ª reimpressão. Editora Schwarcz S.A. – www.companhiadasletras.com.br

Quando o meu olhar tristonho redescobre o teu sorriso, minh' alma, como num sonho, transforma-se em paraíso...

Amália Marie Gerda, 0912
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Que imensidão de amarguras transporta, em seu bojo, a nau, nas notícias e gravuras de uma barquinha de jornal!

Antonio Carlos Piragibe
Chuva de Versos 043
universosdeversos@gmail.com

Aqui jaz o Sol que criou a aurora e deu a luz ao dia e apascentou a tarde o mágico pastor de mãos luminosas que fecundou as rosas e as despentalou.

Aqui jaz o Sol o andrógino meigo e violento, que

possuiu a forma de todas as mulheres e morreu o mar.

Epitáfio Oxford, 1939

Será assim, amiga: um certo dia estando nós a contemplar o poente sentiremos no rosto, de repente o beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente e eu te olharei também, com nostalgia e partiremos, tonto de poesia para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segredo eu, calmo, te direi: – Não tenhas medo e tu, tranquila, me dirás: – Sê forte.

E como dois antigos namorados noturnamente tristes e enlaçados nós entraremos no jardim da morte.

Soneto da hora final Montevidéu, julho de 1960

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 11 – 2015 NOVEMBRO

Assinatura até 31.12.16: 14 selos postais de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,95).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haicu.sf.nom.br ☀

El amor es la antítesis: belleza y monstruo, placer y tortura, transparencia y sombra, vida y muerte... ¡Horror sublime al bello Lucifer del infierno donde se goza y del paraíso donde se sufre!...

Hay algo más solo y más lúgubre que una sepultura: ¡un alma que no puede amar!...

Julio Herrera y Reissig. Poesía Completa y Prosas: Átomos de Luz, Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

1. Preencher os haicus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo (quando mais de um)**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haicus assim enviados e de **conteúdo abaixo**, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

☀ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **28.02.16**, quigos Caqui, Clarão da lua, Dourado, Figo, Grilo, Jandaia, Poucã, Relâmpago, Sereno.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo/SP

ou mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haicus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.

Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria é **recuperar** seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo

que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em **SF9810, Seleções em Folha OUT/98.**

HAICUS BRASILEIROS



TEMAS DE PRIM



AVERA (QUIDAI)



A névoa passou e as crianças satisfeitas vão brincando ao sol.

Alba Christina

Com o sol, o ipê, brilha e ilumina o parque, ao amanhecer.

Amália Marie Gerda

Enfeitando o azul céu amarelo de ipês. Primavera à vista.

Alba Christina

Do jardim todo ramado vai o bem-te-vi a um tronco. Forte canto ecoa.

Amália Marie Gerda

Bico longo e fino beija-flor sempre ligeiro vai sugando as flores.

Alda Corrêa Mendes Moreira

Ondulações n'água. Peixes e girinos nadam de um lado pro outro.

Angela Andrade

Desbravando o céu, a pipa com rodopios desafia o vento...

Amália Marie Gerda

Mata fechada. Encostas salpicadas: ipês florescendo.

Angela Andrade

No jardim em cores o sol surge e o beija-flor já de flor em flor.

Amália Marie Gerda

Criança correndo. Catavento em movimento rodam pás ao vento.

Angela Andrade

Pegamos a estrada. logo a névoa encobre tudo trazendo o perigo.

Angélica Villela Santos

Colabora o vento. Catavento em suas mãos, crianças brincando.

Angélica Villela Santos

Árvore amarela que a flor do ipê vai pintando. Primavera à vista.

Angélica Villela Santos

Em cada lufada, crianças ficam birutas: velho e cataventos.

Antonio Cabral

Meninos se empenham para ver qual vai mais alta. Pandorgas no ar.

Argemira F. Marcondes

Às margens do lago o coaxar da rã outra responde.

Dorotéa Iantas Miskalo

Rua deserta só o latido do cão e a densa névoa.

Dorotéa Iantas Miskalo

Tarde de folga o trigo da mãe no chão entre as artes, a pipa.

Dorotéa Iantas Miskalo

Pequena menina sobe a montanha na névoa envolta em neblina.

Eduarda Duvivier

Pode-se ouvir o ruído das rãs na noite escura.

Eduardo Zá

Vento favorável. Segue empinando a pandorga, com muita perícia.

Flávio Ferreira

Visão angelical elétrico bailado beija-flor flutua.

Flávio Henrique Velasco

Gelo salpica o gramado. Granizo.

Manoel Fernandez

Pandorga no céu. Vento soprando tão forte menino empinando.

Maria Marlene N. T. Pinto

Do alto da árvore, passarada sai voando. Chega o bem-te-vi.

Renata Paccola

Pedrinhas de gelo salpicam a grama verde. Chuva de granizo.

Renata Paccola

Florzinhas de ipê espalhadas pela rua. Tapete amarelo.

Renata Paccola

Uma rã perdida no banheiro do chalé: mulher leva um susto.

Renata Paccola

Beija-flor chamusca no colorido das flores à roda do rancho.

Renata Paccola

No meio das águas claras – peixes agitados. Chusma de girinos.

Roberto Resende Vilela

B I C H O – P A P A Õ

Sérgio Augusto, O Estado de São Paulo 31.10.15, C10 Caderno 2.

Daqui a alguns dias, faz cem anos que Gregor Samsa acordou de sonhos agitados, transformado num inseto repugnante. O centenário é e não é discutível. Concretamente, a metamorfose se deu três anos antes, quando, em 17 de novembro de 1912, Franz Kafka (1883-1924) começou a escrever o que em princípio seria um conto e acabou virando, ao cabo de 20 dias, a mais longa e célebre de suas novelas. Como *A Metamorfose* só chegou às livrarias em novembro de 1915, ficou sendo este o seu natalício oficial.

Tenho uma vaga lembrança de o ter lido pela primeira vez em alguma publicação, quem sabe numa edição especial do *Suple-*

mento Dominical do Jornal do Brasil, no final da década de 1950. Nessa época, Kafka parecia reinar absoluto em nosso arraial literário, ele próprio, em curtos relatos traduzidos em geral do francês, e seus epígonos nacionais, cujo exemplo mais memorável continua sendo Sérgio Tapajós (o diplomata, não o cineasta), de quem o *SDJB* publicou um conto, salvo engano intitulado *Necrose*, indistintamente inspirado em *A Metamorfose*. *A Colônia Penal* eu li, pouco tempo depois, na revista *Senhor*.

Aquela altura, já havia comprado *A Metamorfose* na tradução francesa de Alexandre Vialatte para a Gallimard. Foi quando descobri que não era bem uma banal "bara-

ta" o artrópode imaginado por Kafka. Vialatte o traduzira por "vermine" e os ingleses, desde a pioneira dupla Edwin-Villa Muir, por "vermin", palavras que, se bem expressam o alemão "Ungeziefer", aos nossos ouvidos soam como "verme" – e não foi transformado num protozoário que Samsa acordou naquela manhã.

Modesto Carone, nosso mais notável tradutor e escoliasta de Kafka, preferiu um genérico "inseto monstruoso", por isso mesmo mais expressivo. Também foi esperta sua opção pelo verbo metamorfosear, em vez de transformar adotado por seus colegas europeus e americanos. E assim é que, na edição brasileira da Companhia das Letras,

Samsa acorda "metamorfoseado num inseto monstruoso".

Muita conversa fiada rendeu o freak kafkiano. Aqui e lá fora. Na primeira leitura, embarquei com suas dimensões. Samsa me parecia reduzido às dimensões de uma barata; mas como poderia um blatídeo "empurrar uma cadeira até a janela" (página 44), e ter uma maçã, minúscula que fosse, alojada em seu corpo (página 59)? Ainda não havia captado a essência do realismo absurdo do escritor.

O britânico James Hawes apostou na hipótese de que Kafka havia se inspirado naquela passagem de *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, de Goethe, em que Wer-

ther, extasiado diante da vegetação ao seu redor, sente vontade de "transformar-se em abelha (em alemão Meiaenkäfer)" para flutuar naquele "oceano de perfumes e deles fazer o único alimento". O metafórico e urbano inseto de Kafka nada tem a ver, a meu ver, com a romântica e bucólica abelha de Goethe. E desde quando po-

Se há algo que não mais se discute respeito da obra de Kafka é seu caráter presciente

demos qualificar de abelha uma criatura desprezível e nojenta como o metamorfoseado Samsa?

Se há algo que não mais se discute a respeito da obra de Kafka é seu caráter presciente. Quase tudo em seus livros é história que ainda não aconteceu. Os mecanismos da barbárie totalitária sedimentada a partir da década de 1930 haviam sido antecipados em *O Castelo* e *A Colônia Penal* com absoluta precisão.

"Ungeziefer" era o termo com que os nazistas se referiam aos judeus e "exterminio de insetos", um dos eufemismos obscenos mais usados para mascarar o holocausto. É possível estender a presciência kafkiana até a guerra no Iraque, inicialmente "combatida" não por soldados mas por frios e zelosos burocratas dos serviços de inteligência. Ninguém entendia mais de burocracia do que Kafka.

Uma esquerda sectária e tapada desprezou tudo isso, fixando-se numa imagem estereotipada do escritor, do jovem Franz socialmente alienado, que no dia em que estourou a Primeira Guerra Mundial limitou-se a anotar em seu diário apenas duas frases: "Alemanha declarou guerra à Rússia. Piscina da tarde". E foi dar seus mergulhos. Era exímio nadador.

Antes de mais nada, é preciso entender seu background social e cultural: filho de sólida burguesia germano-judaica de Praga, ele, de certo modo, cresceu isolado das desgraças do mundo. Justificável que não

tenha escrito explicitamente sobre os males políticos e sociais de sua época, nem os tenha submetido a algum tipo de corretivo moral. Fez algo mais consequente: definiu a estrutura da tirania e do terror, como bem disseram Gilles Deleuze e Félix Guattari. Inclusive a tirania e o terror da burocracia feudal e os absurdos do declinante império austro-húngaro.

Relegado ao ostracismo e satanizado na Rússia e nos países do Leste Europeu, que o viam como um bicho-papão, um antirracionista decadente, uma "força divisionista sem espaço numa sociedade empenhada na construção do socialismo", ganhou um empurrão de Sartre no Congresso Pela Paz e Pelo Desarmamento, em 1962, justo em Moscou e no auge da Guerra Fria. O puxão de orelhas sartriano estimularia a realização, no ano seguinte, de um simpósio internacional sobre a vida e obra de Kafka, em Praga, palco de um dos mais inflamados rachas da intelligentsia marxista. Roger

Garudy e Ernst Fischer tomaram a defesa do escritor, e apanharam um bocado de um comissário da cultura da Alemanha Oriental.

Antes de submeter *A Metamorfose* à apreciação de uma revista editada por Robert Musil, Kafka a leu para um grupo de amigos. Todos riram à beça. Como não rir de uma insólita tragicomédia como a vivida por Gregor Samsa? Sempre me lembro de Thelma Ritter quando a faxineira da família Samsa enxota o (por assim dizer) Gregor xingando-o de "velho bicho sujo".

Há uns 20 anos, David Foster Wallace fez uma bela conferência sobre o humor kafkiano, explicando porque seus alunos, educados pela indústria de entretenimento americana e a revista MAD, não conseguiram "rir com Kafka". Demasiado sutil, diagnosticou. Um dos exemplos de sutileza por ele destacados era esta frase: "A esperança existe, mas não para nós". Kafkianamente sutil, digamos assim.

Faz parte da minha rotina semanal, passar por um corredor em um hospital, onde pessoas na sua maioria idosas, acompanhadas por seus responsáveis ou filhos, aguardam exames a serem realizados.

Sempre, observo os olhares destas pessoas, percebo como o olhar expressa realmente a alma.

Encontro, todos os tipos de olhares, os vazios e distantes, os ocupados com seus pertences, os curiosos, os julgadores, e o que me chama a atenção são os que parecem dizer:

- Tu és minha conhecida? Se me conheces, por favor, me cumprimenta.

Dona Sofia, quando passei no corredor, na

primeira vez estava sendo criticada em voz alta pela filha, sem o menor respeito por parte da dita filha.

Fiquei com a cena em minha mente, por sorte, não me demorei na reunião.

Ao retornar, encontro dona Sofia com olhos de menina, feliz por estar sozinha com fome de carinho, segurando graciosamente sua bengala.

Nossos olhares se cruzaram. Sorri - ela então - sorriu. Perguntei:

- Tudo bem com a senhora?

Respondeu faceira:

- Tudo, tudo bem, e tu? Tudo bem?

- Sim.

Continua ela a falar, toda alegreinha.

- Estou aqui com a minha filha, fazendo um exame, minha saúde não anda bem...

Estávamos ainda conversando, quando fomos interrompidos pela filha.

- Mãe, quem é?

Dona Sofia confusa, me olha como pedindo socorro. Respondi:

- Sou Maria, companheira de vida, neste planeta, de dona Sofia. Continuei a falar, olhando e fazendo carinho no cabelo na dona daquele meigo olhar. Estava aqui dizendo para dona Sofia, como é bom saber que uma filha que alimentamos, educamos, cuidamos, amamos, agora tem a oportunidade de retribuir todo o amor.

Dona Sofia, sintonizada estava em meu

carinho, que nosso abraço foi simultâneo, ela não conseguiu segurar o choro, ficamos ali abraçadas, a filha desconsertada, até que a puxei para dentro do abraço, a princípio resistiu, mas as lágrimas da mãe quebraram seu coração...

Ficamos ali as três abraçadas, o amor sempre vence!

Desvençilhei-me do abraço mansamente e sem olhar para trás, deixei um pedacinho do meu coração com dona Sofia, enquanto elas continuavam abraçadas.

"Semente que pede nosso tempo", a resposta ao amor será sempre amor.

Fica bem.

Amélia Mari Passos, Gente que a gente vê: Dona Sofia e sua filha.

Correio da Palavra: 1ª Semestre 2014 - gaya.rasia@hotmail.com - bandi-m@hotmail.com

O médico é obra divina, que de maneira aguerrida, estudou, fez medicina para salvar nossa vida. Não quer ver ninguém sofrer, e se acaso acontecer do Doutor ficar doente; por vocação... por amor... ele esquece a própria dor pra curar a dor da gente!...

Ademar Macedo

Quem dera que minhas trovas andassem pelos caminhos, consolando os desgraçados, dando pão para os ceguinhos...

Adelmar Tavares

Aquele, sim, é poeta, de um gênero caricato, pois faz poesia concreta de um amor bem abstrato.

Anatole Ramos

Eu morro por Filomena, Filomena por Joaquim, o Joaquim por Madalena e Madalena por mim.

Belmiro Braga

As fugitivas sombras dou abraços, em sonhos cansa-se a alma nesta via, passo sozinho em lutas, noite e dia, com um trasgo que trago entre meus braços.

Quanto mais vou cerni-lo com meus laços, em vendo meu suor se me desvia.

Volto com nova força e esta porfia e tal teima de amor faz-me em pedaços.

Vou vingar-me na imagem doidivana, que não me sai da vista onde a recrio: de mim se burla e se burla ufana.

Se começo a segui-la, falta brio; e, como de alcançá-la tenho gana, faço correr-lhe atrás o pranto em rio.

Francisco de Quevedo

Simplicidade... Felicidade...

Ser como as rosas, o céu sem fim. a árvore, o rio... Por que não há de ser toda gente também assim?

Guilherme de Almeida

O troféu dele uma ova.

Porque este troféu é meu, que se ele é o autor da Trova, o autor deste autor sou eu!...

João Rangel Coelho, pai de Colbert Rangel.

Deu-me o professor Raimundo a mais difícil lição: mostrar meu sorriso ao mundo, olhando a televisão!

Josafá Sobreira

Se há sombras nos teu caminhos e é pesada a tua cruz, planta o bem, que em vez de espinhos, colherás rosas de luz!...

Lourdes Regina Ferreira Gutebrod

Ao ler: "Fechado por Luto" o bebem se envaideceu: - Eu bebi todo o produto e o boteco é que morreu!

Neide Rocha Portugal

Ao fechar os olhos - a libélula continua sobre a lagoa.

Nelson Savioli

Encontrei com a saudade, solitária, mas tão bela, e sem medo, sem vaidade eu bejei as tranças dela.

Sarah Rodrigues

Cai a mata ciliar... A vida aos poucos se estanca. O rio vai se afogar com o desmonte da barranca.

Wagner Marques Lopes

Se a vida vai louca, o bom o que é? Não há quem se apouca: ser simples até.

Ser simples qual rosa brilhante, louça, ou luz radiosa formando a manhã.

Ser simples de fato qual lírio ou regato. Encantos nos dão.

Ser simples qual ave de canto suave na apanha do grão.

Wagner Marques Lopes, Ser simples.

Minha avó se foi... Mas ainda estão na varanda sua flores de maio.

Zekan Fernandes

Chuva de Versos 43 e 44 - universosdeversos@gmail.com

Bravo luso navegante leva fé buscando glória e mundo afora distante naus mudam curso da História.

Lusíada pequenino chão da Península Ibérica mesclando audácia e bom tino fez grande o Brasil na América.

Lei Áurea que incentivara madrinha do negro povo jogando-lhe alguém na cara, "Assinaria de novo"

Quero um amor que me valha, e espero o tempo que for, pois sou ceileiro de palha pronto a queimar por amor.

Eliana Ruiz Gimenez

Lá se vai Pedro II, golpista exige que saia, outrora primeiro mundo não virou o Brasil gandaia?

"Fiscal no trono" exilado, quem foi antes gente séria vai tirar todo afobado a barriga da miséria.

Avulta-se o mar de lama desonrando à vida pública e Rui Barbosa proclama, "Esta é a obra da República".

Fernando Lopes de Almeida Soares - poetafernandosoaes@gmail.com

Na "República de honestos", o Brasil, ninguém sonega, políticos são modestos e a Justiça é mesmo cega.

Risonhos tempos do Império, arte, cultura e grandeza num Brasil estável, sério, não de voltar, com certeza!

A pipa que jaz no arqueado galho, vento não dá trégua.

Encharca o solo a garoa, vem fria, morosa, atroz; e o tempo, que não perdoo, cai pungente sobre nós.

Humberto Del Maestro

Valha-nos Deus, antes que o amor acabe no coração do povo brasileiro, e que a estrutura social desabe ao peso do político embusteiro!

Engodo secular que não mais cabe, positivista golpe sorrateiro contra a Lei Áurea - hoje quem não sabe? estende ao branco humilde o cativo.

Não dá para enganar a toda gente o tempo inteiro, e o privilégio injusto é insustentavelmente inconsequente.

Quem compara o homem público e seu custo com o de outrora, no Império tão decente, a Escola de Estadistas, toma um susto!

Positivista desgraça? Soneto

Andei buscando a poesia por este mundo sem fim sem saber que essa vadia morava dentro de mim.

Tem encano, tem magia minha pequena janela, que ao abri-la a cada dia eu vejo a vida mais bela.

Minha porta, que era arguta, de repente enlouqueceu. Qualquer toque que ela escuta julga logo ser o teu.

Eu amo o cheiro do mato o barulho da carroça, o caipira cordato e tudo que vem da roça.

Poeta metido a rico, tenho ares de samurai. Todo poema que publico desfila de black-tie.

Humberto Del Maestro: Trovas Escolhidas, Novembro 2015.